

Título original: *The Sun is Also a Star*

Autora: *Nicola Yoon*

Copyright © 2016 by Nicola Yoon

Edição original produzida por Alloy Entertainment, LLC

Edição portuguesa publicada por acordo com Rights People, London

Ilustrações do miolo: *David Yoon*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria Fraústo*

Revisão: *Rita Carvalho e Guerra/Editorial Presença*

Capa: *Imagem gentilmente cedida pela NOS Lusomundo Audiovisuais*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 432 580/17

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2017

Reimpressão, Lisboa, maio, 2019

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt



## PRÓLOGO

CARL SAGAN DISSE que se quisermos fazer uma tarte de maçã a partir do zero, teremos de começar por inventar o universo. Quando diz «a partir do zero», quer dizer *do nada*. Quer dizer a partir de um momento anterior à existência do mundo. Se quisermos fazer uma tarte de maçã a partir do nada, teremos de começar pelo *Big Bang* e pelos universos que se expandem, pelos neutrões, iões, átomos, buracos negros, sóis, luas, marés, Via Láctea, Terra, evolução, dinossauros, fenómenos de extinção, ornitorrincos, *Homo erectus*, Homem de Cro-Magnon, etc. Teremos de começar do início. Teremos de inventar o fogo. Precisaremos de água, de terra fértil e de sementes. Precisaremos de vacas e de pessoas para as ordenhar e de mais pessoas para bater o leite até se transformar em manteiga. Precisaremos de trigo, de cana-de-açúcar e de macieiras. Precisaremos de química e de biologia. Para uma tarte de maçã realmente boa, precisaremos das artes. Para uma tarte de maçã que atravesse gerações, precisaremos da imprensa e da Revolução Industrial e até, talvez, de um poema.

Para fazer uma coisa tão simples como uma tarte de maçã, teremos de criar o mundo inteiro.



## DANIEL

*Adolescente Local Aceita o Destino, Concorde em Ser Médico, Estereótipo*

Foi por culpa do Charlie que o meu verão (e agora o outono) se transformou num absurdo atrás do outro. O Charles Jae Won Bae, também conhecido como Charlie, o meu irmão mais velho, filho primogénito de um filho primogénito, surpreendeu os meus pais (e todos os seus amigos e toda a intriguista comunidade coreana de Flushing, em Nova Iorque) ao ser expulso da Universidade de Harvard («A melhor escola», disse a minha mãe quando chegou a carta a dizer que ele fora aceite). Foi expulso da «*Melhor Escola*» e a minha mãe passou o verão todo a franzir a testa, sem acreditar, sem perceber.

— Porque é que as tuas notas foram tão más? Expulsaram-te? Porque é que te expulsaram? Porque é que não te obrigaram a ficar e a estudar mais?

O meu pai diz:

— Ele não foi expulso. Convidaram-no a sair. Não é o mesmo que ser expulso.

O Charlie resmungava:

— É temporário. São só dois semestres.

No meio do fogo cruzado da confusão dos meus pais, da sua vergonha e desilusão, até eu quase sinto pena do Charlie. Quase.



## NATASHA

A MINHA MÃE DIZ QUE ESTÁ NA HORA de eu desistir, e que o que faço é inútil. Está aborrecida, por isso o seu sotaque é mais cerrado do que habitualmente e todas as suas afirmações são perguntas.

— Tu não pensa que é tempo de desistir, Tasha? Tu não pensa que o que faz é inútil?

Prolonga, por um segundo a mais, a primeira sílaba da palavra *inútil*. O meu pai não diz nada. A raiva ou a impotência fazem-no ficar calado. Nunca sei bem qual destas duas é a razão. As suas sobrancelhas estão tão franzidas e tão unidas que é difícil imaginar a sua cara com outra expressão. Se fosse há uns meses atrás, eu ficaria triste por vê-lo assim, mas agora não me interessa. É por causa dele que estamos todos nesta confusão.

O Peter, o meu irmão de nove anos, é o único que está contente com o desenrolar dos acontecimentos. Neste momento está a fazer a mala e a ouvir *No Woman, No Cry* do Bob Marley. Diz que é «música para quem faz as malas».

Apesar de ter nascido aqui, na América, o Peter diz que quer viver na Jamaica. Sempre foi bastante tímido e tem muita dificuldade em fazer amigos. Acho que imagina que a Jamaica é um paraíso e que lá, de certa forma, as coisas lhe correrão melhor.

Estamos os quatro na sala do nosso apartamento que só tem um quarto de dormir. A sala também se transforma num quarto

que o Peter e eu partilhámos. Tem dois sofás pequenos que abrimos à noite e uma cortina azul ao meio para termos privacidade. Agora a cortina está aberta e é possível ver as duas metades da sala ao mesmo tempo.

É muito fácil adivinhar qual de nós quer ir embora e qual quer ficar. O meu lado ainda tem um ar vivido. Os meus livros estão na minha pequena prateleira IKEA. A minha fotografia preferida de mim com a minha melhor amiga, Bev, ainda está na minha secretária. Estamos com uns óculos de proteção a fazer boquinhas *sexy* para a câmara no laboratório de física. Os óculos de proteção foram ideia minha. As boquinhas foram ideia dela. Não retirei nem uma peça de roupa do armário. Nem sequer descolei o meu *poster* da NASA com o mapa das estrelas. É enorme — na verdade são oito *posters* que eu coleí lado a lado — e mostra as principais estrelas, constelações e partes da Via Láctea que são visíveis no Hemisfério Norte. Até tem instruções sobre como localizar a Estrela Polar e encontrar o caminho, se a pessoa se perder. Os tubos que comprei para guardar os *posters* estão por abrir, encostados à parede.

Do lado do Peter, todas as superfícies estão vazias, quase todas as suas coisas estão já embaladas em caixas e malas.

A minha mãe tem razão, claro — o que eu estou a fazer é inútil. Mesmo assim, pego nos meus *headphones*, no meu livro de física e nuns quantos livros de banda desenhada. Se tiver tempo, talvez consiga acabar os trabalhos de casa e ler.

O Peter olha para mim e abana a cabeça.

— Porque é que levas isso? — pergunta, referindo-se ao manual escolar. — Vamo-nos embora *de casa*, Tasha. Não tens de fazer os trabalhos *de casa*.

O Peter acaba de descobrir o poder do sarcasmo. Usa-o sempre que tem uma oportunidade.

Não me dou ao trabalho de lhe responder, ponho os *headphones* e dirijo-me à porta.

— Já volto! — digo à minha mãe.

Ela faz um estalinho com os dentes e vira-se. Lembro-me de que não é comigo que ela está zangada.

— Tasha, não é tu que estou zangada, sabes? — repete muito esta frase ultimamente. Vou ao edifício do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) dos Estados Unidos, que fica no centro de Manhattan, para ver se alguém me pode ajudar. Somos imigrantes sem documentos e vamos ser deportados esta noite.

Hoje é a minha última hipótese para convencer alguém — ou o destino — a ajudar-me a encontrar uma solução para ficar na América.

Sejamos claros: Eu não acredito no destino. Mas estou desesperada.



## DANIEL

RAZÕES QUE ME FAZEM PENSAR QUE o Charles Jae Won Bae, também conhecido como Charlie, é um idiota (a ordem não interessa):

1. Antes deste épico e espetacular (absolutamente fantástico) falhanço em Harvard, ele era implacavelmente bom em tudo. Não é suposto alguém ser bom em tudo. Matemática, inglês, biologia, química, história e desporto. Não é normal ser bom em tudo. No máximo em três ou quatro coisas. Mas mesmo isso já seria o limite do bom gosto.
2. É um machão. Isso quer dizer que, muitas vezes, é idiota. A maior parte das vezes. Sempre.
3. É alto e tem os traços faciais delineados, esculpido, dignos de todos os adjetivos para descrever caras que possam surgir nos livros românticos. As raparigas (todas as raparigas, não são só as coreanas da catequese) dizem que ele tem uns lábios apetecíveis.
4. Tudo isto estaria muito bem — são tudo coisas invejáveis, é certo; um pouco demais para pertencer a um único ser humano, sem dúvida — se ele fosse simpático. Mas não é. O Charles Jae Won Bae não é simpático. É um convencido e, pior do que tudo, é um *bully*. É um idiota. Um idiota inveterado.
5. Não gosta de mim. Há vários anos que não gosta de mim.



## NATASHA

PONHO O MEU TELEMÓVEL, os *headphones* e a mochila no tabuleiro cinzento antes de passar pelo detetor de metais. A segurança — a sua placa de identificação diz que se chama Irene — impede o meu tabuleiro de entrar na passadeira rolante, tal como faz todos os dias.

Olho para ela e não sorrio.

Olha para o tabuleiro, vira o meu telemóvel e observa a capa, tal como faz todos os dias. A capa do telemóvel reproduz a capa do álbum *Nevermind* dos Nirvana. Todos os dias os dedos dela passam por cima do bebé da imagem, e todos os dias eu penso que não gosto que ela lhe toque. O vocalista dos Nirvana era o Kurt Cobain. A voz dele, as suas irregularidades, a forma como não era de todo perfeita, a forma como nos faz sentir tudo aquilo que ele alguma vez sentiu, a forma como a sua voz se estica e fica tão fina que parece que se vai partir e depois não parte, isso foi a única coisa que me impediu de enlouquecer desde que este pesadelo começou. A infelicidade dele é muito maior do que a minha.

Ela está a demorar muito tempo e eu não posso perder esta entrevista. Penso dizer-lhe qualquer coisa, mas não quero que ela se zangue comigo. É provável que deteste o seu emprego. Não quero dar-lhe nenhum motivo para me atrasar ainda mais. Ela volta a olhar para mim, mas não mostra qualquer indício de



que me conhece, embora, na última semana, eu tenha estado aqui todos os dias. Para ela eu sou apenas mais uma cara anónima, mais uma *requerente*, mais uma pessoa que quer qualquer coisa da América.



## IRENE

*Uma história*

NATASHA ESTÁ COMPLETAMENTE ENGANADA acerca de Irene. Irene adora o seu emprego. Mais do que adorá-lo, precisa dele. É praticamente o único contacto que tem com seres humanos. É a única coisa que mantém ao longe a sua total e desesperada solidão.

Todas as interações com estes requerentes lhe salvam um pouco a vida. No início mal reparavam nela. Atiravam as suas coisas para dentro do tabuleiro e ficavam atentamente a vê-las passar pela máquina. A maioria desconfiava que Irene iria pôr no bolso umas moedas soltas, uma caneta, umas chaves, o que fosse. Em condições normais, estas pessoas nunca reparariam nela, mas ela fá-las reparar. É a sua única ligação ao mundo.

É por isso que detém cada tabuleiro com a sua mão enluvada. A demora é suficientemente longa para forçar a pessoa a olhar para cima e a ver os seus olhos. Suficientemente longa para verem a pessoa que têm à frente. A maioria murmura um *bom dia* forçado e aquelas palavras animam-na um pouco. Outros perguntam como tem passado e ela anima-se um pouco mais.

Irene nunca responde. Não sabe como. Em vez disso, volta a olhar para o tabuleiro e investiga cada um dos objetos à procura de pistas, à procura de um pouco de informação que possa armazenar para examinar mais tarde.

Acima de tudo, queria poder tirar a luva e tocar nas chaves, nas carteiras e nas moedas soltas. Queria poder fazer deslizar os dedos pelas superfícies, decorar as texturas e deixar que os artefactos das outras pessoas a envolvessem. Mas não pode fazer demorar a fila por muito tempo. Acaba por afastar para longe o tabuleiro e o dono das coisas.

A noite passada foi uma noite particularmente má para Irene. A esfomeada boca da sua solidão quis engoli-la de um trago. Esta manhã ela precisa de contacto para salvar a vida. Desvia o olhar de um tabuleiro que se afasta e olha para o próximo requerente.

É a rapariga que tem vindo todos os dias na última semana. Não deve ter mais de dezassete anos. Como toda a gente, a rapariga não tira os olhos do tabuleiro. Fita-o como se não pudesse separar-se dos *headphones* cor-de-rosa e do telemóvel. Irene poussa a sua mão enluvada no rebordo do tabuleiro para evitar que deslize para fora da sua vida, para dentro da passadeira rolante.

A rapariga olha para cima e Irene cresce. A rapariga parece tão desesperada como Irene. Irene quase lhe sorri. Na sua imaginação, sorri-lhe realmente.

*Bem-vinda. Prazer em vê-la.* Diz Irene, mas apenas na sua imaginação.

Na realidade, já está a olhar para baixo, a estudar a capa do telemóvel da rapariga. A imagem é um bebé gordo totalmente mergulhado numa água azul translúcida. O bebé tem os braços e as pernas abertos e mais parece estar a voar do que a nadar. Tem a boca e os olhos abertos. À sua frente está uma nota de um dólar pendurada num anzol. A imagem não é bonita, e sempre que Irene a olha sente necessidade de respirar fundo, como se estivesse ela própria debaixo de água.

Quer encontrar um motivo para confiscar aquele telemóvel, mas não há qualquer motivo.